



UMA LEITURA SOBRE O RACISMO EM *CEMITÉRIO DOS VIVOS* DE LIMA BARRETO

Ana Quelem Menezes Castro
Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge), Brasil
Endereço eletrônico: quelemenezes@hotmail.com

Elton Moreira Quadros
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: emquadros@uneb.br

INTRODUÇÃO

Parte considerável do discurso de superioridade da “raça branca” foi legitimado por meio de um discurso pretensamente científico que se propagou desqualificando negros e mestiços. Alguns cientificistas acreditavam que as características físicas eram definidoras da moral e da inteligência do indivíduo. Com isso, era possível julgar o indivíduo apenas por meio da observação de sua “origem genética”. O romance *Cemitério dos Vivos*, nos faz pensar na morte em vida, uma espécie de morte social: a exclusão social sofrida pelo personagem Vicente Mascarenhas que é internado no manicômio, por conta do alcoolismo, ficando à mercê dos especialistas que não questionavam essas ideias.

O personagem Vicente Mascarenhas, através de sua produção literária, intenciona desmascarar o discurso cientificista do determinismo genético. Com esse objetivo, com os seus conflitos internos e com a dependência alcóolica, Vicente Mascarenhas combate a noção de que ele seria um degenerado por motivo de sua cor de pele, como afirmaria a ciência, já que ele considera não ser possível prever o caráter de um ser humano a partir do fator racial.

Para realizar essa discussão, apresentamos algumas teorias racialistas como a questão da “herança genética” que atingia, especialmente, os mestiços apresentados como degenerados segundo as teorias deterministas da Ciência Moderna, confrontamos tais questões com o argumento analógico entre alcoolismo e raça defendido pela personagem Vicente Mascarenhas que demonstra a inconsistência do determinismo racial, evidenciando, ao fim e ao cabo, que por trás da “aparência” de ciência o fundamento efetivo consiste no racismo.



METODOLOGIA

Para esta pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico para entender a partir de Walter D. Mignolo (2006) como a ciência moderna foi responsável por disseminar um discurso pela exclusão das demais práticas de conhecimento que não se guiasse pelo conhecimento científico, negando-as a possibilidade de portar um discurso válido. Dialogando com Renato da Silveira (2000) para mostrar como a Ciência produziu enunciados de inferioridade de negros e mestiços e os processos utilizados por ela para propagar as teorias raciais deterministas e, por fim, com Lilia Moritz Schwarcz (1993) aprendemos que o racismo também foi gerado por cientificistas e, mais importante do que isso, como essas teorias racialistas não tinham verdadeiro fundamento empírico e sim a intenção de inferiorizá-los e de propagar a ideia de uma certa “comprovação” científica da superioridade dos brancos.

Essa base inicial possibilita a discussão aqui proposta a respeito do racismo dialogando com a obra *Cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Mignolo (2006) a partir da revolução científica do século XVI, a ciência negou o estatuto de racionalidade e confiabilidade a todas as formas de conhecimento que não partissem dos princípios epistemológicos científicos, para Schwarcz (1993, p. 28) “Era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades” tudo isso usando um discurso de confirmação científica que não poderia ser contestado, já que sabemos que alguns tem uma “fé na onipotência da ciência” (BARRETO, 1993, p. 03).

Era uma concepção de ciência baseada em ideias racistas preconcebidas e esse discurso foi incorporado pela “ciência brasileira” mesmo diante de toda miscigenação presente no país. Vicente Mascarenhas, o narrador-personagem de *Cemitério dos Vivos* chama a atenção para a postura subserviente e pouco crítica dos especialistas brasileiros, quando diz: “De resto, é bem sabido que os especialistas, sobretudo de países satélites, como o nosso, são meros repetidores de asserções das notabilidades européias,



dispensando-se do dever mental de examinar a certeza das suas teorias, princípios etc” (BARRETO, 1993, p. 46).

Renato da Silveira (2000) nos apresenta a opinião de Gobineau, que considerava o cruzamento de diferentes raças como motivo de degeneração. Ele considerava brancos e negros pertencentes a raças diferentes, para ele de um lado teríamos então: a raça branca superior e do outro a raça negra inferior. Com isso, o indivíduo miscigenado seria segundo ele um degenerado propenso à imoralidade, doenças e criminalidade sendo, então, considerado “criminoso nato”. Essa postura é tomada de forma generalizada a tal ponto que poderíamos quase depreender que somente estariam propensos à tais condições os indivíduos que não possuem sangue “puro”, contudo, apesar da utilização no discurso da questão do sangue, na verdade esse não era utilizado na análise “científica”, partia-se apenas das características físicas e a cor da pele dos indivíduos.

Ampliando o alcance dessas ideias, Cesare Lombroso considerava o crime e o comportamento antissocial como fenômenos naturais, sendo que as disposições à imoralidade e ao homicídio viriam determinadas desde o nascimento do indivíduo mestiço, era algo transmitido “geneticamente”, consistindo numa espécie de teoria da herança de defeitos e qualidades. Quando mais novo, Vicente Mascarenhas leu uma defesa de advogado que dizia:

O réu, meus senhores, é um irresponsável. O peso da tara paterna dominou todos os seus atos, durante toda a sua vida, dos quais os crimes de que é acusado, não é mais do que o resultado fatal. Seu pai era um alcoólico, rixento, mais de uma vez foi processado por ferimentos graves e leves. O povo diz: tal pai, tal filho; a ciência moderna também. (BARRETO, 1993, p. 40).

Essa é a teoria que motiva o personagem do romance a examinar a “certeza” da ciência moderna. A teoria que considera questões criminais, doenças e desvios de conduta como herança genética, como algo involuntário nos indivíduos mestiços, levando em consideração o alcoolismo, que ele toma como o centro de sua argumentação, nos diz que “Conhecia filhos de alcoólicos, abstinente; e abstinente pais, com filhos alcoólicos” (BARRETO, 1993, p. 40). Na sua compreensão o alcoolismo é um vício que vem pelo hábito individual. Assim, como haveria de ser transmitido geneticamente? Desse modo,



não tinha lógica e não podia estar de acordo com os fatos observáveis, inclusive, cientificamente, dado o conhecimento da época, logo, havia ali uma imperfeição da ciência, de seus preceitos (preconceitos) lógicos; começa então sua ambição: examinar a os fundamentos da ciência moderna, expor as suas frágeis bases e contestar o seu pedantismo.

O alcoolismo do próprio Mascarenhas poderia ser usado para confirmar o determinismo genético defendido pela ciência moderna: negros são seres inferiores e primitivos, o filho do negro seria um degenerado, que herdaria os defeitos genéticos dos seus genitores. Como ele próprio narra diante da situação de internamento no manicômio:

Procuram os antecedentes, para determinar a origem do paciente que está ali, como herdeiro de taras ancestrais; mas não há homem que não as tenha, e se elas determinam loucura, a humanidade toda seria de loucos. Cada homem representa a herança de um número infinito de homens, resume uma população, e é de crer que nessa houvesse fatalmente, pelo menos, um degenerado, um alcoólico, etc, etc. (BARRETO, 1993, p. 87).

Vicente Mascarenhas tem consciência que o determinismo da ciência moderna está equivocado, porém parece que o corpo dele trai esta constatação, quando cai no vício do álcool, a partir daí surge em Vicente um conflito interno que acompanhamos durante a leitura do romance.

Ao escrever o livro narrando a sua vida, sua história, seus dramas pessoais, o preconceito sofrido desde a infância, toda sequência de dores pelas quais ele passou até chegar à condição de alcoólatra, ele pretende desmascarar as teorias do determinismo genético, evidenciando os fatores sociais e psíquicos que o marcaram durante a vida e que influíram no seu destino.

O alvo de Lima Barreto, através da voz de sua personagem, não é a Ciência como um todo, mas, a uma perspectiva positivista e reducionista do próprio fazer científico que, apesar das “maravilhas que a ciência tem conseguido realizar, por intermédio das artes técnicas, no campo da mecânica e da indústria, têm dado aos homens uma crença de que é possível realizá-las iguais nos outros departamentos da atividade intelectual” (BARRETO, 1993, p. 87). Tal desvio, somados a uma efetiva mentalidade eivada de preconceitos raciais, fizeram com que a visão sobre negros e mestiços estivesse marcada



pelo racismo, e não pelo caráter científico que queria fazer parecer o ponto de partida de tais concepções.

CONCLUSÃO

Teorias raciais deterministas, teorias essas que tentavam “comprovar” a superioridade da “raça branca”, a inferioridade da “raça negra” - como se negros e brancos pertencessem a diferentes espécies. Com isso, por exemplo, desenvolveu-se também o determinismo em relação aos mestiços que seriam degenerados propensos à imoralidade e à criminalidade, acreditando ser possível julgar o indivíduo a partir da cor de sua pele.

O romance *Cemitério dos Vivos* de Lima Barreto trata a questão do racismo e das teorias raciais por meio do personagem, Vicente Mascarenhas, que sofre com a discriminação racial e através de sua produção literária contesta tais concepções, revelando suas contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência Moderna; Teorias Raciais; Determinismo genético; Romance

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Cemitério dos Vivos*. Belém-PA, NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000162.pdf>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 667-709.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa. Papel do racismo científico na montagem da hegemonia Ocidental. *Afro-Ásia*, Salvador, n.023, p.87-144, 2000.